



DESAFIOS E POSSIBILIDADES DE APLICAÇÃO DA CARTOGRAFIA SOCIAL ENQUANTO LINGUAGEM NOS CURSOS DE GEOGRAFIA

DESAFIOS Y POSIBILIDADES DE APLICACIÓN DE LA CARTOGRAFÍA SOCIAL COMO LENGUAJE EN LOS CURSOS DE GEOGRAFÍA

DÉFIS ET POSSIBILITÉS D'APPLICATION DE LA CARTOGRAPHIE SOCIALE COMME LANGAGE DANS LES COURS DE GÉOGRAPHIE

Lorena Francisco de Souza

Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, Goiás, Brasil, lorena.souza@ufg.br

Winicius Alves de Freitas

Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, Goiás, Brasil,
winiciusalves@discente.ufg.br

Resumo: Este artigo tem o objetivo de discutir a utilização da Cartografia Social nos planos de ensino de Cartografia em cursos de licenciatura de Geografia nas IES brasileiras. A partir de dados produzidos pela pesquisa coletiva do Grupo de Estudos e Pesquisas de Cartografia para Escolares (GECE), por meio de entrevistas com docentes, percebemos poucas inserções da Cartografia Social. Nesse sentido, buscamos compreender as principais dificuldades para a discussão sobre a Cartografia Social enquanto linguagem na formação inicial de professores nas Instituições de Ensino Superior do Brasil. As questões direcionadas aos docentes versaram sobre a percepção diante das perspectivas cartográficas não-euclidianas na formação do professor de Geografia e em que contexto são evidenciadas em suas aulas.

Palavras-chave: formação de professores; Geografia; cartografia social.



Resumen: Este artículo tiene como objetivo discutir el uso de la Cartografía Social en los planes de enseñanza de Cartografía en los cursos de licenciatura en Geografía en las instituciones de educación superior brasileñas. A partir de los datos producidos por la investigación colectiva del Grupo de Estudios e Investigaciones de Cartografía para Escolares (GECE), mediante entrevistas con docentes, observamos pocas inclusiones de la Cartografía Social. En este sentido, buscamos comprender las principales dificultades para el debate sobre la cartografía social como lenguaje en la formación inicial de profesores en las instituciones de educación superior de Brasil. Las preguntas dirigidas a los docentes versaron sobre la percepción de las perspectivas cartográficas no euclidianas en la formación del profesor de Geografía y en qué contexto se evidencian en sus clases.

Palabras clave: formación de profesores; Geografía; cartografía social.

Résumé: Cet article vise à analyser l'utilisation de la cartographie sociale dans les programmes de cartographie des programmes de géographie de premier cycle des établissements d'enseignement supérieur brésiliens. À partir des données produites dans le cadre d'une recherche collective menée par le Groupe d'Étude et Recherche Cartographique Pour Les Élèves (GECE), et d'entretiens avec des enseignants, nous avons constaté que la cartographie sociale n'était pas présente dans les programmes. Nous avons donc cherché à comprendre les principaux défis liés à l'utilisation de la cartographie sociale comme langage dans la formation initiale des enseignants dans les établissements d'enseignement supérieur brésiliens. Les questions posées aux enseignants portaient sur leur perception des perspectives cartographiques non euclidiennes dans la formation des enseignants de géographie et sur le contexte dans lequel elles sont mises en avant dans leurs cours.

Mots clés: formation des enseignants, Géographie, cartographie sociale.

Introdução

A pesquisa coletiva intitulada “A disciplina Cartografia Escolar nos cursos de graduação em Geografia no Brasil e no Chile: uma análise da formação docente” procura, como um de seus objetivos, contextualizar no cenário nacional a Cartografia Escolar como uma linha de pesquisa e como uma proposta metodológica tanto na formação de professores quanto no ensino de Geografia. Trata-se de uma componente curricular recente em Projetos Pedagógicos de Cursos analisados, e, por esse motivo, não tem sido oferecida de forma equânime na formação inicial de professores. Como reflexo desse impasse, muitas dúvidas sobre as abordagens teóricas e metodológicas mais adequadas têm surgido junto aos docentes que assumem as disciplinas de Cartografia.

Nos concentramos em compreender as dificuldades da abordagem da Cartografia Social nos planos de ensino de Cartografia e/ou Cartografia Escolar nos cursos de licenciatura em Geografia. Consideramos que os princípios da Cartografia não-euclidiana ou não convencional são coerentes com uma perspectiva de conhecimento e saber contra-hegemônico no campo da educação, como assinalam Oliveira e Candau (2010). A Cartografia Social enxerga e potencializa outras formas de mapear, partindo dos processos de vivência dos sujeitos. Para Santos (2016), os saberes cartográficos tradicionalmente usados pelo Estado para mapear e exercer controle são tensionados pela proposta da “Cartografia Social”, que prioriza a elaboração dos mapas a partir das experiências e perspectivas dos próprios grupos sociais envolvidos e suas demandas pela demarcação e valorização de seus territórios.

O estudioso Almeida (2013) salienta que a Cartografia Social representa um contraponto à cartografia tradicional, pois ela usa de uma ação que valoriza os agentes sociais no processo de construção de uma representação que acompanha um conhecimento da vivência e das particularidades de um grupo ou uma comunidade. Assim, este artigo tem como objetivo discutir a utilização da Cartografia Social nos planos de ensino de Cartografia em cursos de licenciatura em Geografia nas IES brasileiras.

A partir de uma investigação qualitativa e de caráter colaborativo, destacamos alguns pontos da entrevista feita para docentes das disciplinas de Cartografia e/ou Cartografia Escolar. Para a realização das entrevistas, foram elaboradas 12 (doze) questões com o objetivo de analisar as experiências de 18 docentes no processo de implementação da disciplina de Cartografia Escolar em cursos de Geografia em diferentes IES do Brasil. As perguntas foram direcionadas para a percepção e o conhecimento desses docentes acerca do uso de cartografias

não convencionais em sala de aula, com destaque para Cartografias Inclusivas, Participativas, Sociais e/ou Mapas Mentais.

Ensino de Geografia e cartografia social

Ao mencionarmos os usos da linguagem cartográfica na construção de um pensamento geográfico significativo no ensino de Geografia, consideramos a importância de uma elaboração do pensamento que dialogue com as possibilidades que esta linguagem tem para fazer uma leitura do espaço e das espacialidades. Nesse sentido, um ensino de Geografia significativo pressupõe a formação de professores comprometidos com os princípios de cidadania a partir de uma educação geográfica. Para Batista, David e Feltrin (2019) a formação de professores deve emergir de necessidades cotidianas para atuar em sala de aula, do pensamento e desenvolvimento de uma formação profissional crítica, reflexiva e questionadora. Esses princípios se tornam possíveis ao concebermos uma formação docente ancorada na autoavaliação, na coerência com o currículo e suas políticas e na responsabilidade de se posicionar ao fazer a leitura de mundo (Santos, 2007).

Na construção de uma formação profissional crítica é imprescindível que haja uma articulação teórica e prática em que o docente organize e processe o pensamento de forma integrada e complexa, que consiga articular os conhecimentos científicos e sistematizados da ciência geográfica com os conhecimentos dos próprios estudantes.

Ao considerarmos esse princípio, verificamos que a linguagem cartográfica tem importante papel na articulação desses conhecimentos, uma vez que ela é capaz de sistematizar informações para a leitura do espaço geográfico e representá-lo seguindo uma compreensão conectada com a realidade em diferentes escalas. Portanto, a cartografia mostra-se capaz de produzir os fundamentos necessários para realizar a leitura do contexto social dos sujeitos e a interpretação crítica do mundo sobre fatos e fenômenos situados no espaço. No processo de ensino e aprendizagem, o professor precisa articular conhecimentos para uma compreensão significativa do fenômeno a ser destacado, e, para isso, o mapa, segundo Richter (2017) não deve ser tratado meramente como uma figura ilustrativa nesta mediação didático-pedagógica.

Moraes (2014) afirma que embora a Cartografia seja um importante componente curricular para a formação do professor de Geografia, ainda há uma ausência, ou poucas referências que abordem sua importância, sobretudo na formação inicial. Esta dificuldade recai, principalmente, pela falta de disciplinas relacionadas à Cartografia Escolar, necessária para construir as bases teóricas, práticas e didáticas no trabalho com a linguagem cartográfica,

amparando-se nos conceitos e categorias geográficos para além dos matemáticos. Se há poucas intervenções didáticas sobre a Cartografia Escolar durante a formação inicial de professores, poucas disciplinas que mencionam, seja por meio da prática como componente curricular, seja nos conteúdos e ementas das disciplinas ligadas à Cartografia, ainda teremos poucas alterações no campo do conhecimento sobre a importância da linguagem cartográfica para a leitura de mundo numa perspectiva geográfica.

Diante desta ausência, problematizamos os desdobramentos e ausências da Cartografia Social como conteúdo nas disciplinas de Cartografia e/ou Cartografia Escolar nos cursos de licenciatura em Geografia. A linguagem cartográfica pode ser um instrumento didático para a mediação de conteúdos da Geografia escolar, mais especificamente a Cartografia Social que “[...] distingue-se do sentido corrente do vocábulo ‘cartografia’ e não pode ser entendida como circunscrevendo-se a uma descrição de cartas ou a um traçado de mapas e seus pontos cardeais” (Almeida, 2013, p. 157). Dessa forma, a prática se afasta de uma perspectiva tradicionalista e passa a ser desenvolvida por meio de mapas mentais, produzidos junto aos estudantes. Assim, a cartografia torna-se um instrumento para eles expressarem suas vivências e defendam seus direitos como cidadãos.

Para Gomes (2017), a Cartografia Social deve ser compreendida como um processo e não meramente uma representação. “O ‘novo’ parece ser o uso da cartografia como instrumento de lutas de grupos socialmente desfavorecidos e não apenas um instrumento de dominação, como historicamente foi desenvolvida a Cartografia Moderna” (Santos, 2011, p. 2).

Para compreender mais das intencionalidades e funcionalidades da Cartografia Social, partimos das perspectivas de Acselrad (2013, p. 17) que nos diz que “[...] a Cartografia Social pode ser entendida como a apropriação de técnicas e modos de representação cartográficos modernos por grupos sociais historicamente excluídos dos processos de tomada de decisão.” Almeida (2013, p. 157) afirma que a Cartografia Social “[...] distingue-se do sentido corrente do vocábulo ‘cartografia’ e não pode ser entendida como circunscrevendo-se a uma descrição de cartas ou a um traçado de mapas e seus pontos cardeais”. Em diálogo com esta afirmação, Santos (2011, p. 4-5) pontua que

[...] os objetos cartográficos vêm sendo utilizados como leituras (sociais) do território que são confrontadas às leituras oficiais e/ou de atores hegemônicos, mas também como instrumentos de (fortalecimento de) identidade social e de articulações políticas - ou seja, na sua plenitude de instrumento de representação que exprime a realidade (segundo pontos de vista, posições definidas) e também ajuda a construir a própria realidade.

Esses autores compreendem a Cartografia Social enquanto linguagem cartográfica de metodologia participativa que visa mapear o território, vivências e olhares de grupos socialmente desfavorecidos, representando visualmente seus costumes e relações com o território para gerir, posicionar e lutar por permanência.

O território não é algo externo à sociedade, Porto-Gonçalves (2010) nos fornece fundamentações para refletir o hegemônico e o contra-hegemônico. Conhecimentos eurocêntricos colocam o saber europeu no centro das coisas, violentando, invisibilizando e excluindo saberes de outros povos. A Cartografia Social, se embasa de uma concepção decolonial, se eximindo das perspectivas do eurocentrismo. A partir de Oliveira e Candau (2010) comprehende-se que a decolonialidade configura-se como uma estratégia que ultrapassa a simples descolonização, pois envolve também processos de construção, invenção e criação. Sua meta é a reconstrução radical do ser, do poder e do saber, não se tratando apenas de uma perspectiva cognitiva dos europeus, mas um conjunto daqueles educados sob sua hegemonia.

Portanto, a Cartografia Social por este olhar, pode não se isentar completamente de características da cartografia convencional, mas busca destacar elementos intrínsecos às vivências. Santos (2011) salienta que a maneira de construir um mapa a partir da Cartografia Social considera os sujeitos em sua coletividade, identificam problemas em seus lugares de vivência e constroem mapeamentos a partir daí. Essa construção possibilita que os envolvidos aprendam e apreendam formas de pensar o espaço, com e a partir dele, para agir sobre uma realidade.

A metodologia participativa é uma característica muito importante na base da Cartografia Social, pois tende a agregar na construção de um pensamento geográfico, a autonomia e capital histórico-cultural na relação com o conhecimento científico. Assim, partimos dessa concepção de ensino de Geografia e Cartografia Social para desvelar os desafios e possibilidades de aplicação dessa linguagem cartográfica não hegemônica nos cursos de Geografia do Brasil a partir das entrevistas realizadas com os docentes.

Entrevista com docentes: o que se fala da cartografia social na licenciatura?

Destacamos as entrevistas feitas com docentes das disciplinas de Cartografia em IES brasileiras no que se refere à discussão sobre o papel da linguagem cartográfica na formação inicial e continuada de professores de Geografia, com ênfase ao ensino de Cartografia Social, Cartografias não-euclidianas e/ou não-convencionais em suas aulas. No Quadro 01

apresentamos a descrição das respostas dos entrevistados sobre suas percepções acerca de outras perspectivas cartográficas.

Quadro 1 - Respostas dos entrevistados durante a pesquisa coletiva do GECE (2025)

Regiões	UF	Questão 5 - Como você percebe as perspectivas cartográficas não-euclidianas (Cartografias Inclusivas, Participativas, Sociais, Mapas Mentais, etc.) na formação do professor de Geografia? Em sua disciplina tais perspectivas são abordadas? De que modo?
Centro-Oeste	Goiás	De acordo com a professora, ela não trabalhou muito com as cartografias não-euclidianas, pois é uma perspectiva mais recente no ensino de Geografia e Cartografia, de maneira que ela já estava mais avançada na carreira e assim, com mais dificuldade de incorporar as novas tendências em seu plano de ensino. Dentre essas cartografias, ela destaca que trabalhou com as primeiras que se desenvolveram na Geografia, especialmente a Cartografia Tátil e os Mapas Mentais.
Centro-Oeste	Mato Grosso do Sul	Por conta do aperto do calendário, muitas aulas da disciplina foram retiradas para outras atividades e outras questões. Nesse sentido, de 72h, efetiva-se menos de 48h em sala de aula, o que tem prejudicado o trabalho com essas temáticas. Adora ensinar cartograma, anamorfose, utiliza-se de Padovesi para estas questões de desconstrução de mapeamentos convencionais, duros e densos. Reforça a importância de utilizar atlas com informações do local, embora sejam materiais frágeis e ruins.
Centro-Oeste	Goiás	Essas propostas não-euclidianas não estavam presentes no plano de ensino, mas eram trabalhadas com a perspectiva de Cartografia Inclusiva. Essa demanda estava associada ao fato do curso ter alunos com deficiência e com isso foi proposto a construção de materiais adaptados para a inclusão.
Centro-Oeste	Mato Grosso	O professor fala do trabalho na perspectiva de Vigotski (o meio é uma realidade em mutação). A disciplina tem mais atividades práticas nas escolas, porém nem sempre existem momentos em que os alunos se encontram com o professor para avaliar as atividades realizadas e fazer ajustes. Às vezes se discutem questões teóricas também nestes encontros. O professor citou seu gosto em trabalhar com os mapas mentais, pois considera uma discussão muito importante, destacando as perspectivas individuais. Destaca novamente a dificuldade de leitura do mapa, também acerca do mundo e das representações.
Nordeste	Paraíba	Sim, são abordados, (A Cartografia Social, Cartografias existenciais e deslocamentos) e indica a importância de Miguel Arroyo em suas reflexões sobre a escola do urbano. Ela demonstra uma preocupação relacionada com a descaracterização da área, pois nem tudo é Cartografia. Ela menciona que é fundamental a espacialização de um fenômeno e que isso é próprio da identidade da Geografia, da Cartografia.
Nordeste	Alagoas	O professor afirma que utiliza diferentes abordagens cartográficas e ressalta a necessidade da cartografia tátil colaborativa, embora reconheça que isso representa um desafio. Ele destaca que, enquanto forma novos docentes, também continua em constante formação, pois precisa aprofundar seus estudos sobre o tema.

		Além disso, enfatiza a relevância das anamorfoses, dos mapas mentais e dos coremas, observando que o espaço geográfico não se limita à visão euclidiana. Por isso, defende a importância de cartografias que superem a ideia tradicional do fundo de mapa.
Nordeste	Rio Grande do Norte	Nunca faz a Cartografia Social, ficando mais na teoria. Os alunos que participam são na sua maioria de Geografia e são optativas; em 2019 tinha um aluno de Pedagogia.
Nordeste	Paraíba	O professor afirma que devemos nos projetar na Cartografia Social porque arquiteta o sujeito para a função de expressão cartográfica. Salienta que a Cartografia Social consegue comunicar o conhecimento construído pelo sujeito sobre o espaço geográfico. O professor nomeia estas cartografias de contra hegemônicas. Assegura que o ponto de partida tem que ser o sujeito mapeador, independente das fontes utilizadas. Utiliza sim a Cartografia Social com o objetivo de estimular a função de expressão cartográfica dos estudantes. Opera a plataforma <i>Google My Maps</i> para atividades de mapeamento com os estudantes. Também insere o filme “ <i>Todo mapa tem um discurso</i> ” para contrapor os discursos da cartografia oficial e a Cartografia Social.
Norte	Tocantins	Considera importante trabalhar com outras perspectivas, mas declara que entrou como professor de cartografia sem nunca ter trabalhado com cartografia, ele trabalhava com geomorfologia. Sua formação foi toda euclidiana e tem dificuldade para trabalhar a cartografia não-euclidiana. Não se lembra de ter feito algum trabalho nessa perspectiva.
Norte	Pará	Após a construção dos conceitos básicos e história da cartografia, trabalha a partir do contexto local e do aluno e suas comunidades tradicionais e especificidades culturais da Amazônia (indígena, ribeirinhos, agricultores, extrativistas, entre outros). Pois acredita que o graduando tem que ter contato com o chão da escola, com o campo, tem que construir a cartografia com base em sua vivência.
Norte	Tocantins	O trabalho com a Cartografia Social foi desenvolvido, mas atrelado às pesquisas de iniciação científica. Durante as aulas não foram inseridas diretamente com a perspectiva social da Cartografia. A inserção mais comum estava associada ao desenvolvimento de oficinas durante as aulas. O professor reforçou que a demanda dos alunos era uma carência sobre os elementos básicos da Cartografia.
Sudeste	São Paulo	O professor reconhece esse trabalho a partir de três momentos. O primeiro está associado à construção do mapa infantil, o mapa de crianças - que não possui a exigência das normas e regras da Cartografia oficial. O segundo momento seria a construção de mapas mentais produzidos pelos alunos já alfabetizados ou jovens estudantes, em que os elementos e contextos da vivência no espaço entram em ação para a produção desta representação espacial. Neste caso, o professor reconhece a relação com a perspectiva da Cartografia Social. Por fim, o terceiro momento está associado à proposta da Cartografia Inclusiva, que mesmo utilizando em alguns modelos das referências normativas da Cartografia, também se vale de elementos específicos dos sujeitos que possuem algum tipo de deficiência.
Sudeste	São Paulo	O professor destaca que essas outras perspectivas têm um papel crucial para a Cartografia Escolar e defende que a perspectiva

		euclidiana sozinha não daria conta de todas as demandas do ensino. Ao refletir sobre sua prática, o referido professor ressalta que vê potencialidade dos mapas mentais e busca trabalhar com essa perspectiva. Além disso, afirma novamente que busca trabalhar a disciplina pautada em projetos elaborados e conduzidos pelos próprios estudantes. Nesses projetos, a ideia é que os sujeitos tenham liberdade para utilizar das diferentes perspectivas cartográficas, conforme a faixa etária dos estudantes, o conteúdo trabalhado, etc. Entre os outros tipos de mapas e técnicas, o professor considera a possibilidade e importância do trabalho com mapas de anamorfose, carta-imagem e produção de maquetes.
Sudeste	Rio de Janeiro	A professora destaca que para além da disciplina de Cartografia Escolar essas propostas são trabalhadas ao longo do curso de Geografia. O mapa mental está presente no trabalho de reconhecimento do espaço e é utilizado para analisar o que o aluno conhece, percebe no seu espaço mais próximo e possui que tipo de domínio da representação cartográfica. Ao final da disciplina a professora solicita novamente um outro mapa mental para verificar como os alunos incorporaram os conhecimentos cartográficos na produção deste material.
Sul	Santa Catarina	Os mapas mentais são importantes porque demonstram como os diferentes sujeitos percebem o espaço e o significado que estabelecem nestes espaços. É perceptível a diferença entre os indígenas e não indígenas, pois a experiência com o espaço contribui para o desenvolvimento desta percepção.
Sul	Rio Grande do Sul	A professora destaca que os mapas mentais são abordados, bem como mapas táticos são trabalhados por colegas do curso. Destacou também que outras abordagens lúdicas são usadas para explorar como as crianças e adolescentes entendem o espaço.
Sul	Rio Grande do Sul	A professora considera as cartografias inclusivas, participativas e sociais fundamentais, não apenas na cartografia, mas em todas as áreas devido às escolas e universidades estarem cada vez mais recebendo alunos com diagnósticos. Menciona a cartografia inclusiva, sendo trabalhado um texto de cartografia para cegos e surdos. Comenta que ampliaria a discussão desses temas se continuasse a ministrar essa disciplina, além da importância e necessidade de estudar mais sobre essa abordagem.
Sul	Rio Grande do Sul	O professor destaca que a Cartografia Social está presente na disciplina oferecida pela necessidade de pensar o espaço a partir da relação com o lugar. Neste caso, as propostas desenvolvidas ao longo da disciplina se articulam para refletir o mapa sob diferentes concepções, inclusive as sociais e não-euclidianas. Porém, sem desconsiderar as bases e normativas da Cartografia oficial.

Fonte: Dados da pesquisa. Adaptado pelos autores (2025).

Nas instituições da Região Centro-Oeste, a partir da fala dos professores/as, foram destacados elementos como: perspectiva mais recente no ensino de Geografia; “aperto” no calendário; propostas não-euclidianas não estavam inseridas no Plano de Ensino, mas eram trabalhadas a partir de Cartografias Inclusivas; importância dos mapas mentais. Nesse sentido, foi possível destacar os seguintes elementos:

- Perspectivas mais recentes no ensino de Geografia indicam uma mudança nas abordagens teórico-metodológicas, buscando superar métodos tradicionais centrados apenas em conhecimentos hegemônicos e priorizando práticas que valorizem a interpretação crítica do espaço, a participação ativa do estudante e a diversidade de formas de representar o território a partir de sujeitos invisibilizados;
- As propostas não-euclidianas, se referem a representações espaciais que rompem com a visão cartesiana e matemática. Essas cartografias não convencionais ampliam a compreensão do espaço geográfico ao considerar múltiplas formas de representação permitindo a inclusão de diferentes perspectivas e pessoas nesse processo de mapeamento;
- A menção à importância dos mapas mentais reforça o papel dessas ferramentas na aprendizagem significativa dos estudantes. Os mapas mentais, a depender de como são em sua elaboração, podem representar o espaço a partir da percepção e das experiências pessoais dos alunos, favorecendo o desenvolvimento do pensamento espacial crítico, o reconhecimento de suas identidades territoriais e a compreensão subjetiva do lugar.

Para a Região Nordeste, enfatizamos a espacialização de um fenômeno enquanto identidade da Cartografia Social; o espaço geográfico não se reduz a cartografia euclidiana; o conhecimento construído pelo sujeito sobre o espaço geográfico. Portanto,

- Os docentes dessas IES abordam conceitos centrais da Cartografia Social e sua relação com a compreensão subjetiva e coletiva do espaço geográfico para o processo de formação dos professores. Quando se fala na espacialização de um fenômeno enquanto identidade da Cartografia Social, reforça a ideia de que esse processo de representação espacial busca evidenciar que são os sujeitos e suas relações com determinado espaço, carregando, assim, mais informações que um produto técnico;
- A afirmação de que o “espaço geográfico não se reduz à cartografia euclidiana” reforça a crítica ao modelo tradicional de representação do espaço em um modelo matemático, que muitas vezes ignora as dimensões simbólicas dos sujeitos, afetivas e políticas da realidade espacial de tal local;
- Por fim, a ideia de que o “conhecimento é construído pelo sujeito sobre o espaço geográfico” evidencia o método participativo da Cartografia Social. Assim, o ensino e o uso da cartografia passam a ter um papel emancipador nesse processo formativo, pois

permitem que os indivíduos se reconheçam como agentes produtores do espaço, valorizando saberes tradicionais/locais e promovendo uma leitura crítica da realidade territorial que está inserida.

Na Região Norte, a formação docente ainda é fortemente marcada pela perspectiva euclidiana da cartografia, centrada em técnicas tradicionais de representação do espaço. Contudo, muitos professores têm buscado incorporar a Cartografia Social em suas práticas, desenvolvendo atividades que partem do contexto local e das vivências dos estudantes. Essa abordagem possibilita que o ensino de cartografia dialogue diretamente com a realidade das comunidades, valorizando saberes territoriais, experiências cotidianas e a relação afetiva dos alunos com o lugar onde vivem. Sendo possível pensar que,

- Quando o docente menciona a sua trajetória de formação na perspectiva euclidiana, faz-se referência a uma tradição de ensino voltada principalmente para os aspectos técnicos da cartografia, centrada em elementos tradicionais de um mapa, como escala, coordenadas, projeções, etc. Essa formação, sendo necessária para o domínio técnico do professor, não exime a importância de uma formação que contemple outras perspectivas que valorizam uma compreensão mais abstrata das realidades vividas pelos sujeitos a partir de suas dimensões sociais.

Na Região Sudeste, destaca-se o uso de mapas mentais e práticas de Cartografia Inclusiva, evidenciando que a cartografia euclidiana é insuficiente para atender às diferentes demandas do ensino. Além disso, os mapas mentais são incorporados não apenas na Cartografia Escolar, mas também em outras disciplinas, ampliando possibilidades de leitura e representação do espaço. Portanto,

- É destacado o papel dos mapas mentais e da Cartografia Inclusiva como alternativas pedagógicas à cartografia tradicional para os professores em formação. Ao se trabalhar com essas abordagens, evidencia-se uma preocupação em tornar o processo de formação de professores e o ensino de Geografia mais significativo, acessível e interdisciplinar, valorizando as percepções e experiências dos próprios alunos na representação do espaço;
- A ideia de que a cartografia euclidiana não dá conta de todas as demandas do ensino aponta para possíveis limitações e problematizações da cartografia tradicional;
- Nesse contexto, os mapas mentais assumem um papel muito importante, pois permitem

que o aluno expresse como percebe, sente e entende o espaço em que vive. Ao serem trabalhados em outras disciplinas além da Cartografia Escolar, os mapas mentais demonstram seu potencial interdisciplinar.

Na Região Sul, observa-se uma diversidade significativa na forma como diferentes sujeitos percebem e se relacionam com o espaço. Nesse contexto, a Cartografia Social surge como uma abordagem capaz de incluir e representar um número maior de vozes, valorizando experiências, memórias e perspectivas variadas. Assim, essa metodologia contribui para refletir sobre o espaço a partir da relação afetiva, histórica e cotidiana que cada grupo estabelece com o lugar, ampliando a compreensão do território para além dos limites técnicos e formais da cartografia tradicional. Destacando:

- Para o ensino de Geografia e uma leitura de mundo, o reconhecimento de que o espaço não é percebido de forma única, mas sim a partir das vivências, experiências e identidades de cada sujeito é fundamental. Ao afirmar a diferença de percepção do espaço entre sujeitos, evidencia-se que o modo como as pessoas compreendem e representam o território depende de fatores raciais, sociais, culturais, históricos e afetivos;
- Nesse sentido, a Cartografia Social surge como uma abordagem mais democrática e inclusiva, pois “abrange mais sujeitos”, ou seja, potencializa que comunidades tradicionais, povos indígenas, moradores de periferias, pessoas quilombolas, pessoas negras, etc. participem com voz e ativamente da produção de mapas e representações espaciais;
- Por fim, ao propor o uso da Cartografia Social para pensar o espaço a partir da relação com o lugar, reforça uma concepção de ensino e de Geografia baseada na vivência e nas diferenças raciais e sociais.

Dentre esses desafios e possibilidades elencados pelos docentes vemos que a Cartografia Social pode ampliar o horizonte da leitura espacial ao reconhecer a pluralidade de percepções e permitir que o espaço seja pensado a partir do olhar dos sujeitos e de suas relações com o lugar, promovendo uma compreensão mais humana, participativa e contextualizada do mundo.

Ao serem questionados sobre Cartografias participativas, dois docentes demonstraram não apenas reconhecer a importância do trabalho com outras cartografias, como destacaram o efetivo trabalho com elas, com base na elaboração de mapas colaborativos por comunidades

ribeirinhas, quilombolas e indígenas, com foco no estudo do lugar.

Considerando outras cartografias para além da euclidiana, os professores, no geral, reconhecem a necessidade de se trabalhar com a Cartografia para além da perspectiva euclidiana. O Quadro 02 nos traz uma síntese de 18 planos de ensino que foram analisados na pesquisa em andamento, apenas dois citam diretamente o termo “Cartografia Social” e apenas três citam diretamente “Mapas Mentais” ou “Cartografia Inclusiva” em seus respectivos conteúdos programáticos.

Quadro 2 - Planos de Ensino pesquisados de IES que destacam Cartografia Social ou Mapas Mentais (2025)

UF	Ementa	Conteúdo Programático
Goiás	Os conceitos estruturadores para o ensino da Cartografia. Procedimentos metodológicos para os conteúdos de Cartografia e as experiências com recursos pedagógicos e didáticos em atividades da área. As linguagens nas metodologias de ensino da Cartografia.	Unidade III - Cartografia Escolar: teoria e propostas didáticas - Concepções teóricas da Cartografia Escolar - O processo metodológico de ensino do mapa; - O pensamento espacial e a linguagem cartográfica; - Propostas didáticas; - Orientação, escala e simbologia - Globo terrestre; - Atlas Escolares; - Maquete; - Mapa mural; - Cartografia temática; - Cartografia digital; - Cartografia Social; - Cartografia Inclusiva.
Rio Grande do Sul	Apresentar a cartografia como ferramenta de ensino na educação básica e superior de Geografia, proporcionando ao futuro docente criar e utilizar recursos cartográficos nas aulas.	2. Cartografia Social, Tátil e inclusiva 2.1 Mapeamento participativo e colaborativo; 2.2 Sistemas de Informação Geográficas Participativos - SIGPs; 2.3 Cartografia tátil: conceitos e recursos didáticos.
Mato Grosso do Sul	A alfabetização cartográfica. Cartografia no ensino básico de Geografia. Linguagens e ferramentas para a produção de representações espaciais. A aplicação dos recursos de geotecnologias no ensino de Geografia.	3. Conteúdo Programático: 1. Apresentação do plano de ensino e diálogo sobre o contexto escolar; 2. As “cartografias” e as representações cartográficas no cotidiano; 3. A Cartografia Escolar na BNCC (Brasil, 2017) do ensino fundamental; 4. Novo Ensino Médio, BNCC (Brasil, 2017) e PNLD; 5. Representações espaciais em livros

Desafios e possibilidades de aplicação da cartografia social enquanto linguagem nos cursos de...
 Souza, Lorena Francisco de; Freitas, Winicius Alves de

		<ul style="list-style-type: none"> didáticos de Geografia; 6. Representação gráfica e a inteligência visuoespacial; 7. Alfabetização Cartográfica: do desenho ao mapa; 8. Mapa mental e a representação do espaço vivido; 9. Atlas Escolares: limitações, potencialidades e usos no contexto escolar; 10. Globo Terrestre Virtual; 11. Mapeamento digital no processo de ensino-aprendizagem e atualização de conteúdos programáticos; 12. Cartografia Tátil: inclusão, cognição e desenvolvimento sensorial; 13. Maquete na construção do conhecimento geográfico.
Santa Catarina	<p>Esta disciplina tem nas temáticas a seguir a proposição da Cartografia Escolar e Tátil para o componente curricular Geografia da Educação Básica: Documentos oficiais e currículos da Educação Geográfica escolar com enfoque na Cartografia; desenvolvimento do pensamento espacial e do raciocínio geográfico desde a infância; neuroeducação no processo de ensinar e aprender; uso e confecção de Recursos Didáticos Geocartográficos para a cartografia escolar na Educação Geográfica.</p>	<p>3 - Recursos Didáticos Geocartográficos</p> <p>3.1 - Astronomia e conhecimento dos povos: Céu, o primeiro mapa Terrestre;</p> <p>3.2 Globos terrestres - Forma da Terra, representação matemática, sistema de coordenadas geográficas, orientação e fusos horários;</p> <p>3.3 - Planisférios e Atlas - Projeção cartográfica;</p> <p>3.4 - Mapas: mentais, croquis de campo e cartográficos;</p> <p>3.5 - Maquetes geográficas: espontânea e topográfica;</p> <p>3.6 - Geotecnologias da Cartografia Escolar para Educação Básica;</p> <p>3.6.1 - Imagens terrestres, aéreas e orbitais;</p> <p>3.6.2 - Aplicativos digitais e da internet.</p>
Goiás	<p>Cartografia escolar: conceito, histórico, aproximações e distinções em relação à cartografia acadêmica. O ensino do mapa (alfabetização cartográfica) e o ensino pelo mapa (letramento) na escola básica. Mapas mentais, atlas escolares municipais (análogicos e digitais). Os usos do mapa: localização, análise, correlação e síntese. Cartografia escolar inclusiva (mapas para surdos, mapas e maquetes táteis).</p>	<p>Módulo II:</p> <p>4. Mapas mentais, atlas escolares municipais (análogicos e digitais);</p> <p>5. Os usos do mapa: localização, análise, correlação e síntese;</p> <p>6. Cartografia escolar inclusiva (mapas para surdos, mapas e maquetes táteis).</p>

Fonte: Pesquisa coletiva GECE. Adaptado pelos autores (2025).

Em suma, com a análise das entrevistas e dos planos de ensino, evidenciamos os desafios da Cartografia Social presente nas Instituições de Ensino Superior do Brasil pesquisadas, elencando uma baixa significação e aplicação dessa perspectiva contra-hegemônica nos cursos de Cartografia Escolar para formação de professores.

Podemos perceber a inexperiência com produtos da cartografia não-euclidiana. No geral, os professores disseram ter formação insuficiente e pouca experiência com a Cartografia não-euclidiana. Os exemplos mais comuns de cartografia não-euclidiana citados pelos professores foi o trabalho com os mapas mentais e a Cartografia Inclusiva, com destaque para a Cartografia Tátil. E, Anamorfoses, Coremas e Cartogramas, foram citadas por poucos professores o trabalho com este tipo de cartografia não-euclidiana.

Referente a Cartografia Existencial, um professor aborda-a com base em Miguel Arroyo, refletindo a partir da escola do urbano. Porém, demonstra preocupação relacionada com a descaracterização da área, pois afirma que nem tudo é Cartografia. Menciona que é fundamental a espacialização de um fenômeno, pois é isso que dá identidade à Geografia e à Cartografia.

Nesse panorama, destacamos a dualidade entre o desejo de inovar nas práticas de ensino de Geografia e os desafios estruturais do sistema de educação, ressaltando a emergência da Cartografia Social e a cartografia tradicional já estabelecida.

A concepção de cartografia que vai além da técnica e se afirma como um instrumento de representação espacial em uma perspectiva social, racial, cultural e política do espaço, aproximando o mapa das experiências e das identidades dos sujeitos que o constroem. Demandando dos docentes um repertório que também esteja ligado à diversidade social e educacional.

Considerações finais

Ao nos depararmos com as narrativas de professores acerca do desenvolvimento de seu trabalho e condução das disciplinas ligadas à Cartografia, compreendemos o papel de perspectivas atuais no campo desta linguagem que demandam uma mudança teórico-metodológica que amplie outras formas de representar o espaço e ler o mundo, ancorada na valorização das vivências e olhares de sujeitos que constituem o processo de ensinar e aprender.

Uma mudança no currículo, sobretudo das licenciaturas em Geografia, é uma tarefa urgente e necessária se quisermos priorizar saberes e conhecimentos que ultrapassam o modelo

colonial de poder, ser e saber que herdamos de uma epistemologia eurocentrada, ocidental e branca. O fato de nos depararmos com realidades que oscilam sobre o entendimento e a ênfase em Cartografia Social e não convencionais reforça que os cursos de licenciatura ainda se orientam por currículos engessados numa cartografia convencional e cartesiana. A inclusão de outras formas de cartografar o espaço é demanda necessária nas ementas de disciplinas nos projetos políticos dos cursos de licenciatura e potencializa uma mudança epistêmica que concebe o mapa como um elemento alheio aos sujeitos que grafam o espaço.

Referências

- ACSELRAD, Henri. *Cartografia social, terra e território*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, 2013. Disponível em:
https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4578708/mod_resource/content/1/COMP_ACSELRAD%20-%20202013%20-%20Cartografia%20Social%2C%20Terra%20e%20Territ%C3%B3rio.pdf. Acesso em: 7 nov. 2025.
- ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. Nova cartografia social: territorialidades específicas e politização da consciência das fronteiras. In: ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de; FARIAS JÚNIOR, Emmanuel de Almeida (org.). *Povos e comunidades tradicionais: nova cartografia social*. Manaus: UEA Edições, 2013. p. 157-173. Disponível em:
<https://www.ppgcspa.uema.br/wp-content/uploads/2020/11/A-Nova-Cartografia-Social1.pdf>. Acesso em: 3 out. 2025.
- BATISTA, Natália Lampert; DAVID, Cesar de; FELTRIN, Tascieli. Formação de professores de geografia no Brasil: considerações sobre políticas de formação docente e currículo escolar. *Geografia Ensino e Pesquisa*, Santa Maria, v. 23, e13, dez., 2019. Disponível em:
<https://doi.org/10.5902/2236499441062>. Acesso em: 19 out. 2025.
- GOMES, Marquiana de Freitas Vilas Boas. Cartografia social e geografia escolar: aproximações e possibilidades. *Revista Brasileira de Educação em Geografia*, Campinas, v. 7, n. 13, p. 97-110, jan./jun., 2017. Disponível em:
<https://doi.org/10.46789/edugeo.v7i13.488>. Acesso em: 7 nov. 2025.
- MORAES, Loçandra Borges de. *A cartografia na formação do professor de geografia: contribuições da teoria do ensino desenvolvimental*. 2014. Tese (Doutorado em Geografia Física) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/T.8.2013.tde-18022014-153709>. Acesso em: 19 out. 2025.
- OLIVEIRA, Luiz Fernandes. de; CANDAU, Vera Maria Ferrão. Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil. *Educação Em Revista*, Belo Horizonte, v. 26, n. 1, p. 15-40, abr., 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-4698201000100002>. Acesso em: 5 dez. 2024.

PORTE-GONÇALVES, Carlos Walter. De saberes e de territórios: diversidade e emancipação a partir da experiência latino-americano. *GEOgraphia*, Niterói, v. 8, n. 16, p. 41-55, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/GEOgraphia2006.v8i16.a13521>. Acesso em: 2 out. 2025.

RICHTER, Denis. A linguagem cartográfica no ensino de geografia. *Revista Brasileira de Educação em Geografia*, Campinas, v. 7, n. 13, p. 277-300, jan./jun., 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.46789/edugeo.v7i13.511>. Acesso em: 22 out. 2025.

SANTOS, Dorival dos. Cartografia social: o estudo da cartografia social como perspectiva contemporânea da geografia. *InterEspaço: Revista de Geografia e Interdisciplinaridade*, Grajaú, v. 2, n. 6, p. 273-293, maio/ago., 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.18764/2446-6549/interespaco.v2n6p273-293>. Acesso em: 8 out 2025.

SANTOS, Renato Emerson. Ativismos cartográficos: notas sobre formas e usos da representação espacial e jogos de poder. *Revista Geográfica de América Central*, Heredia, v. 2, p. 1-17, jul./dic., 2011. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=451744820262>. Acesso em: 21 out. 2025.

SANTOS, Renato Emerson dos. O ensino de geografia e as relações raciais: questões a partir da Lei 10.639. In: SANTOS, Renato Emerson dos (org.). *Diversidade, espaço e relações étnico-raciais: o negro na geografia do Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 21-40.

Lorena Francisco de Souza

Doutora em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (USP), mestra e licenciada em Geografia pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Pós-doutora em Geografia na linha de pesquisa de Ensino e Aprendizagem pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Docente da graduação e pós-graduação no Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás (IESA/UFG).

Endereço Profissional: Av. Esperança, s/n., Samambaia, Goiânia, Goiás.

CEP: 74001-970

E-mail: lorena.souza@ufg.br

Winicius Alves de Freitas

Mestrando em Geografia pelo Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás (IESA/UFG). Graduado em Geografia pela UFG.

Endereço Profissional: Av. Esperança, s/n., Samambaia, Goiânia, Goiás.

CEP: 74001-970

E-mail: winiciusalves@discente.ufg.br
